

em épocas que o Paraná representava cerca de sessenta por cento de toda a produção.

Quanto ao consumo interno, tem-se verificado uma queda nos últimos anos. O IBC que o estava subsidiando com parte dos seus estoques, ao suspender esse tipo de apoio, contribuiu para um aumento considerável no preço e, conseqüentemente, para o desestímulo do consumo.

Atualmente contamos com o número de sete milhões de sacas consumidas. "Para incrementar-se o consumo interno é necessário que haja publicidade", afirma João Sattamini.

Um problema constante na comercialização do café são os passeios onerosos que o produto faz. Podemos tomar como exemplo o produto fluminense, que vai a Minas Gerais e Espírito Santo, enquanto que o ideal seria um escoamento de todo o produto pelo porto do Rio de Janeiro. Fato idêntico se dá com o café de certas regiões de São Paulo, que é escoado pelo porto de Paranaguá, em detrimento do de Santos.

No que se refere ao Estado do Rio de Janeiro, a cafeicultura exerce papel de fixadora de mão-de-obra nas regiões onde incide e já há um comprometimento por parte do IBC quanto à construção de armazém no Norte Fluminense para receber a produção, fator importante no incremento deste tipo de cultura neste estado, mas que, de forma alguma, vai resolver o problema dos passeios.

"Os passeios não se constituem um problema de armazenagem e sim de comercialização. As vantagens comparativas fiscais nos portos são as principais causadoras deste fato, pois muitas vezes torna-se vantajoso embarcar o café em um porto, em detrimento de outro mais próximo da zona de produção, como, por exemplo, o produto que passa por São Paulo e segue para Paranaguá, em lugar de seguir para o porto de Santos, simplesmente porque aquele dá incentivos fiscais comparativos."

"Um das metas do Estado do Rio de Janeiro é criar um sistema fiscal motivador para que o produto, inclusive o de Minas Gerais, desça pelo porto do Rio de Janeiro. Há problemas inclusive de legislação de ICM entre Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, que desestimulam a saída do café pelo porto do Rio. Uma possível solução depende muito de uma coordenação entre todas as secretarias dos estados envolvidos."

O consumo em declínio. O consumo mundial de café está em declínio

e, no Brasil, já se toma menos café do que nos Estados Unidos, segundo o nível *per capita*, que é de 6,2 quilos para cada americano, por ano, e de 4,4 quilos para o brasileiro.

Esse declínio se deve principalmente ao fato de as novas gerações não estarem adquirindo o hábito de tomar café, que substituíram pelos refrigerantes e sucos.

Pesquisa feita pela Organização Internacional do Café, OIC, mostra que há um decréscimo total de 20% no consumo de café, sendo de 24% nos Estados Unidos, 14% na Comunidade Européia e 19,56% em outros países.

O café perde terreno. As crianças e os jovens brasileiros não têm hábito de tomar café. Poucos o possuem. A geração superior a 25 anos é a principal consumidora.

Nos últimos dez anos, o consumo interno de café apresentou o seguinte comportamento: 1969, 8 milhões 745 mil sacas; 1970, 8 milhões 888 mil sacas, com crescimento de 1,63% sobre 69; 1971, 8 milhões 701 mil sacas, com crescimento de 2,10% sobre o ano anterior; 1972, 6 milhões 713 mil, com menos 22,84%; 1973, 6 milhões 633 mil, menos 1,19%; 1974, 7 milhões 505 mil, com crescimento de 13,15%; 1975, 7 milhões 16 mil, com involução de 6,52%; 1976, 6 milhões 418 mil sacas, com menos 8,52%; 1977, 7 milhões 12 mil sacas, com evolução de 9,25%; 1978, 6 milhões 800 mil sacas, com decréscimo de 3,02%, e em 1979, 7 milhões 500 mil sacas, com crescimento de 10,29%.

O que se nota é uma estagnação no consumo nos últimos três anos, levando-se em conta o aumento populacional.

"O grande pesadelo para o mercado interno é o preço do café", afirma o presidente do Sindicato da Indústria de Torrefação e Moagem do Café, Valter Santos Pierrot, que confirma o crescimento da preferência dos jovens aos refrigerantes em detrimento do café. "Possivelmente teremos outra elevação no preço do café torrado para o consumidor, devido à elevação do preço de garantia para Cr\$ 4 mil 200."

O tipo 8 é o café que a indústria considera hoje em alta, e essa alta vem desde janeiro, com a saca de 60 quilos custando hoje Cr\$ 3 mil 400, sem o pagamento do frete e do ICM. Desde 1975, o consumo de café vem caindo no país, devido ao fim de 15 anos de preços artificiais.

A elevação do preço foi fator fundamental para que muitos consumidores se afastassem do consumo.

É difícil, em 1980, chegar a um consumo de 8 milhões de sacas no país.

Só o Estado de São Paulo consome mensalmente 200 mil sacas de café, contra o Paraná, que consome, em 365 dias, 10 mil sacas.

O presidente do Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem entende que "a indústria brasileira não tem condições de fazer uma propaganda ativa, pois não tem recursos".

Na verdade, é difícil enfrentar os refrigerantes, com suas propagandas sofisticadas e difundidas com intensidade.

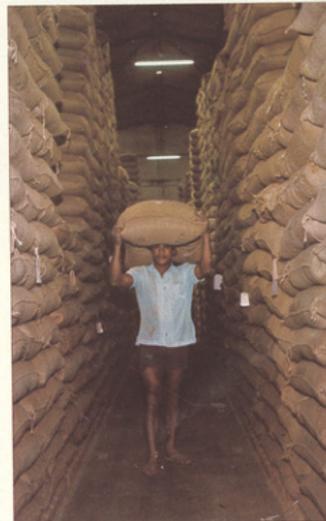
Os números assustam e indicam que numa variação 78/69, se consumiu menos 22,24% de café, no país, e de 79/69 menos 14,24%.

O consumo brasileiro cresceu 239% entre 1972 e 1978, passando de 32 mil toneladas/ano, de produtos de chocolates de todos os tipos, para 89 mil 600t.

A previsão para 1979 era de um consumo total superior a 100 mil toneladas, representando o consumo de 600 mil sacas de cacau em amêndoas (cerca de 36 mil toneladas).

Em termos de consumo *per capita*, o Brasil ainda está muito abaixo da média mundial (peço fato de ter uma grande população), já que em alguns países o consumo por pessoa ultrapassa os 12 quilos/ano.

Em 1972, o consumo *per capita* de produtos de chocolate era de 324 gramas, passando para 697 gramas em 1978, sendo que, neste ano, no eixo



O armazenamento, etapa final.